



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1189

QUEM SOU EU? A construção da identidade ítalo-brasileira do combatente na Segunda Guerra Mundial a partir da análise de fontes epistolares (1945)¹

João Paulo Massi
(Universidade Estadual de Londrina)

Resumo: Pretende-se, nesta pesquisa, analisar como a identidade ítalo-brasileira sofre transformações diante do contexto histórico marcado pela política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945). Como fonte, são utilizados documentos epistolares. Um deles é a carta escrita pelo 2º Sargento Benedito Ravedutti, ítalo-brasileiro que fez parte da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, em resposta à chamada “madrinha dos combatentes”, Osmilda, aluna do Colégio Mãe de Deus de Londrina (Paraná). Além disso, são analisadas duas das cartas da esposa de Benedito, Odette Barros Ravedutti, escritas no ano de 1945. As missivas em questão inserem-se no contexto da Legião Brasileira de Assistência (LBA), que tinha o objetivo de oferecer suporte ideológico e afetivo aos combatentes brasileiros no fronte de batalha. Os conteúdos dessas cartas indicam um sentimento de extremo nacionalismo brasileiro de um soldado nascido em meio à cultura ítalo-brasileira. Serão aplicadas as proposições metodológicas de Natalie Zemon Davis para a compreensão das epístolas, ressaltando aspectos como elementos pré-existentes, local de produção e que situações envolviam os personagens que produziram essas cartas. Será ressaltada também a materialidade das cartas, atinando para elementos simbólicos e afetivos que fazem parte dos documentos, bem como os instrumentos utilizados em sua produção. Como fundamentação teórica, serão utilizados os conceitos de identidade e negociação propostos por autores como Stuart Hall e Jeffrey Lesser.

Palavras-chave: Identidade; Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial; Legião Brasileira de Assistência; Cartas.

Parte da identidade italiana é construída nos países onde ocorreu a imigração. Ao chegarem às terras brasileiras, os italianos se concentraram em maior parte na região Sudeste e Sul do país (BERTONHA, 2010). A princípio, os imigrantes parecem ter acatado as políticas nacionalistas do país, que construía uma identidade de cima para baixo sobre essa população, mas, décadas depois, com o auxílio da imprensa imigrante,

¹ Este texto é derivado da pesquisa de TCC desenvolvida na UEL em 2014, bem como da investigação de iniciação científica na mesma instituição.

constituída, sobretudo, por jornais escritos na língua materna, com notícias da sua antiga pátria, esses jornais desenvolveram um importante papel na construção da identidade italiana no Brasil. Por um lado, esses periódicos incentivaram a nacionalização dos colonos; por outro, reforçaram o sentimento da antiga pátria clamando aos imigrantes e descendentes que valorizassem suas raízes, mesmo fora de sua terra de origem. Do acordo com Araújo e Cardoso (1987).

Os jornais de tendência patriótica dirigem-se à colônia como veículos de associações, apresentando plataforma de busca às origens clássico-tradicional [sic] de pátria. Neles a pátria é reconstituída no assentamento sobre outro território, propício a manter a língua, as tradições e costumes, sob condição de intensa participação como povo-cidadão. (ARAÚJO; CARDOSO, 1987, p. 334)

Portanto, percebe-se que, a despeito das diferenças culturais e regionais existentes na própria Itália, a ideia de uma cultura italiana passa a ser construída no Brasil pelos imigrantes.

Considerando os debates sobre a identidade italiana, a imigração e as características desses imigrantes no país, busca-se aqui analisar por meio de fontes epistolares a construção da identidade ítalo-brasileira no contexto histórico de nacionalização ocorrida no Estado Novo, a partir de 1937 com o Presidente Getúlio Vargas, o homem à frente do Estado brasileiro que administrou um governo carregado de símbolos. Ele buscou a extinção de regionalismos no país, forma de fortalecer seus objetivos políticos, buscando transformá-los em uma pátria única, onde não haveria espaço para outras identidades, somente a nacional brasileira (LENHARO, 1986).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, este nacionalismo fica mais evidente. Os soldados da Força Expedicionária Brasileira começam seus treinamentos em 1942. A partir do engajamento efetivo do exército brasileiro na guerra é criada a Legião Brasileira de Assistência (LBA), tendo o intuito de assistir aos soldados e suas famílias. “Com a LBA, pretendia-se em particular a mobilização feminina para o enfrentamento dos problemas sociais gerados pela participação do país no conflito mundial” (SIMILI, 2008, p.129). Uma das funções da LBA era a de corresponder com os pracinhas no fronte italiano. As fontes utilizadas nesta pesquisa são correspondências trocadas

entre o 2º Sargento Benedito Ravedutti e a assim chamada “madrinha dos combatentes”, Osmilda. São abordadas também duas cartas de Odete Barros Ravedutti, esposa de Benedito, endereçadas para Osmilda Diana. Benedito é filho de mãe italiana e avôs paternos italianos, tendo sido criado nos moldes da educação italiana da época. Essas cartas são carregadas de nacionalismo e valorização à pátria brasileira, embora se tratasse de um ítalo-brasileiro lutando contra italianos. Foi analisado o sentimento de nacionalismo sugerido na carta de Ravedutti, com a intenção de compreender as transformações na identidade ítalo-brasileira durante o período da Segunda Guerra Mundial.

O documento analisado é uma fonte primária e de primeira mão, fazendo parte de meu acervo pessoal. Foram analisadas as narrativas, o local de construção e o sentimento nacionalista implícito no material, com base nos estudos e trabalhos da historiadora Natalie Zemon Davis (2001). Ela se preocupa não somente com a contextualização histórica do documento, mas também com a importância da narrativa, das estruturas pré-existentes ao evento representado na epístola e como as pessoas da época contavam suas histórias.

Foram utilizados, também, conhecimentos prévios aplicados a outras fontes, levando em conta que uma carta, além de uma narrativa, é um objeto da cultura material. Além de aspectos como ano e local de produção, foi preciso atinar para a carga de símbolos que envolvem a materialidade da epístola, desde a escolha do material utilizado como base até o sentimento inspirado pelas palavras. A carta se tornou uma extensão do seu autor, devendo ser analisada em sua totalidade.

A fundamentação teórica desta pesquisa foi baseada no conceito de identidade. Em um país como o Brasil, que recebeu milhares de imigrantes, a criação de várias identidades é comum. Stuart Hall (2000) trata a identidade não como algo único e imutável, devendo, antes, ser pensada no plural, estando sempre em transformação. O indivíduo, com o passar do tempo, é um ser em constante transformação, havendo uma pluralidade de identidades.

Quando nos perguntamos “quem sou?” devemos nos concentrar em algumas questões, uma vez que nossa identidade é formada por um conjunto de fatores. Hall (2000) define que a identidade cultural é

construída pela construção e repetição de tradições, que nos remetem a um passado distante, mas que não são tão antigas assim. Elas são construídas de forma a facilitar a convivência de um determinado grupo: falar o mesmo idioma e a utilização dos mesmos com o passar dos anos auxiliam na construção da identidade cultural de uma população. Como podemos observar segundo Hall.

Tradições inventadas tornaram as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade” (por exemplo a Blitz ou a evacuação durante a II Grande Guerra) e desastres em triunfos (por exemplo, Dunquerque) (HALL, 2000, p. 55).

Jeffery Lesser (2001) explica que a identidade é negociada. Em um país vasto como o Brasil, em que diversos grupos dividem o mesmo espaço, a diferença entre as identidades e as pressões externas para que se torne uma única, resulta em uma diversidade ainda maior de identidades em busca de afirmação. Segundo Lesser:

[...] Esse não foi um processo fácil ou suave, e as tentativas de legislar ou de impor a *brasilidade* nunca tiveram êxito. Ao nos aproximarmos da virada do milênio, o Brasil permanece sendo um país onde a etnicidade hifenizada é predominante, embora não reconhecida (LESSER, 2001, p. 20).

Para compreender quem são os italianos devemos nos concentrar no que é a Itália e seus aspectos geográficos. A Itália é uma península europeia, situada no Mar Mediterrâneo, em sua extensão continental ao norte se encontra a maior parte das planícies do seu território, dentre elas a maior é o vale do Pó correspondente a cerca de 15% do território italiano. As terras altas, montanhas e montes, constituem 80% do espaço (BERTONHA, 2010).

A península praticamente divide o Mar Mediterrâneo ao meio, facilitando a locomoção e criando uma forte ligação com o mundo exterior, mas devido ao isolamento causado pelo relevo de terras altas na península, surgiu um forte regionalismo em seus habitantes, devido o pouco contato. De acordo com Bertonha:

Essas condições geográficas determinaram em boa medida, assim, a história da península itálica. Em primeiro lugar, o relevo impediu, até recentemente, que contatos mais intensos fossem mantidos entre as

várias regiões da península, ajudando na formação de culturas locais fortes e dificultando a homogeneização. Além disso, a geografia da Itália fez do país ponto eterno de cruzamentos de povos e culturas, o que se refletiu, claramente em sua história desde tempos remotos (BERTONHA. 2010, p. 17).

Segundo Lesser, “A imigração foi de fato a construção da identidade nacional” (LESSER, 2001, p. 28). Se realmente a construção da identidade nacional se deve à imigração, o Estado busca impor uma identidade homogênea que, por sua vez, é negociada pelos grupos imigrantes. O Estado tomaria o papel de todos os brasileiros, refletiria a nação e só com ele todos seriam iguais. Lenharo explica como:

Vem do Estado a única voz que fala em nome de todos os brasileiros. O homem comum, o cavalheiro dos salões, o homem e a mulher do campo, o operário, o comerciante, são descaracterizados socialmente para serem recuperados na perspectiva de uma identidade que a organicidade da Nação engendrara através da harmonia social já alcançada (LENHARO, 1986, p.34).

A unidade nacional tão desejada passou a ser construída logo no início do Estado Novo. Vargas, na intenção de acabar com o regionalismo e qualquer outra forma de identidade presente no país, fez o uso de um conjunto de símbolos, “[...] materializado no Estado Novo, na tentativa de afirmação da identidade nacional, metamorfoseado em homogeneização do povo brasileiro, apagando as diferenças regionais, étnicas, de idiomas.” (FÁVERI, 2005, p. 62). Uma das cerimônias mais impactantes foi a da cremação das bandeiras estaduais e municipais. O evento contou com um missa campal. Segundo Marlene De Fáveri:

É sugestiva a queima das bandeiras dos Estados após o golpe de 1937: nada poderia simbolizar melhor a centralização do poder e liquidação da autonomia regional! Sim o fogo purificava a nação de seus “males”, seguindo-se nos meses seguintes, de milhares de livros considerados regionalistas e subversivos (FÁVERI, 2005, p. 62).

O Brasil entra na Segunda Guerra Mundial em 1942, entre fevereiro e julho do mesmo ano ataques a treze navios mercantes nacionais provocaram 742 mortes. Getúlio Vargas, definitivamente se junta aos Aliados e declara guerra ao Eixo em 22 de agosto de 1942 (BARONE, 2013).

Neste momento serão abordadas as epístolas enviadas no ano de 1945, com o objetivo de compreender os resultados da política de

nacionalização do Estado Novo sobre a comunidade ítalo-brasileira, analisando a narrativa contida nas fontes. As fontes utilizadas são três cartas, a primeira de Benedito Ravedutti como fonte principal e duas de sua esposa, como fontes de apoio, todas as cartas enviadas para Osmilda Diana, “madrinha do combatente”. Esta análise irá permitir observar a construção do discurso nacionalista presente na época.

Serão aplicadas as proposições metodológicas de Natalie Zemon Davis (2001) para a compreensão das epístolas, ressaltando aspectos como elementos pré-existentes, local de produção e que situações envolviam os personagens que produziram essas cartas. A autora valoriza toda a trama de elementos que envolvem a concepção do documento, atenta para a necessidade da contextualização histórica dos acontecimentos que antecedem essa concepção, após todo embasamento é que se dá por iniciada a fase de investigação sobre as narrativas construídas. Segundo Davis:

Depois de explorar a construção das histórias, retornarei a sua fidelidade aos “acontecimentos reais” – ou, pelo menos, aos mesmos acontecimentos que foram narrados por outros e perguntarei: que relação teve o dizer a verdade com o resultado das histórias? De que estatuto de verdade elas gozam na sociedade em geral? As preocupações do historiador social e político aparecerão também aí, não como motivos isolados colhidos em muitas histórias, mas como passos de uma narrativa ou de uma transação narrativa (DAVIS, 2001, p.19).

Será ressaltada também a materialidade das cartas, atinando para elementos simbólicos e afetivos que fazem parte dos documentos, bem como os instrumentos utilizados em sua produção. A carta como um objeto da cultura material tem muito a dizer: a forma como foi produzida, o material utilizado para escrita, pode revelar detalhes importantes para o estudo. De acordo com Maria Rosa Martins Camargo, “Um estudo da carta, como objeto material, traz indícios de uma cultura, numa época, num meio, e que consolida uma prática de escrita porque entremeia, penetra, constitui e faz o cotidiano” (CAMARGO, 2002, p.159).

Junto à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, foi criada a LBA, cuja presidente nos anos de guerra foi Darcy Vargas, tendo como função prestar serviços de assistencialismo aos soldados e seus familiares. Essa iniciativa foi a primeira ação social feita junto ao governo brasileiro. O

programa contava com a campanha “madrinha do combatente”, na qual mulheres voluntárias “adotavam” um combatente e com ele trocava cartas (SIMILI, 2008).

Osmilda vinha de uma família de posses da região de Cambará, Paraná, estudou no internato do Colégio Mãe de Deus em Londrina até o quinto ano. Seu pai era de origem italiana e se orgulhava de ter chegado ao Brasil de pés descalços e ter conquistado fortuna à custa de seu trabalho. Apesar de não ter contato com as cartas de autoria de Osmilda, é possível conjecturar o teor do material, analisando as cartas em resposta. As informações referentes a Osmilda foram sugeridas por sua filha, Marilda Maria Gomes de Almeida, amiga pessoal do autor do trabalho em conversas informais.

Benedito Ravedutti, filho de mãe italiana e avôs paternos italianos, havia nascido na região de Piraí do Sul, Paraná. Ao ingressar na Força Expedicionária Brasileira, havia se casado há poucos meses com Odette. Rapaz de boa educação, ao retornar da guerra tornou-se advogado e professor de direito em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, segundo informações sugeridas por Ivan Ravedutti, filho de Benedito, em conversas informais.

As cartas de remissão analisadas por Davis (2001) seguem uma narrativa, são intencionadas para um fim, o perdão do rei pelo crime cometido. Já as cartas que tivemos contato têm uma narrativa diferenciada: Odette carrega todo afeto de uma jovem recém casada, enquanto Ravedutti demonstra todo o espírito guerreiro, apesar de apresentar um texto carregado de ternura direcionado à jovem que desempenha a função de “madrinha”.

Tendo consciência disso pode-se observar que a carta de Ravedutti é carregada de um discurso nacionalista de valorização à pátria brasileira. A epístola traz consigo aspectos da política de nacionalização de Vargas, impulsionada pelas condições em que o autor se encontrava. A carta é datada de 22 de fevereiro de 1945, escrita no Fronte da Itália.

Logo no início do texto, após os agradecimentos pela carta recebida, enviada por Osmilda em agosto de 1944, é possível identificar elementos de valorização ao Estado brasileiro. No trecho a seguir, fica claro o sentimento de gratidão e o espírito nacionalista que possuía o autor. Em meio

às palavras ele não deixa de externar seu sentimento patriótico ao constatar que mesmo a garota era dotada dos mesmos ideais: “[...] me certifico, do verdadeiro espírito Patriótico, de que são dotados os meus Patrícios e particularmente você, que tão criança, já bem compreende o que seja o amor à uma terra, onde a liberdade e a justiça é o ideal de seu povo”. (RAVEDUTTI, B., 1945, linhas 9-13). Ravedutti valoriza o papel que desempenha na FEB ao ressaltar a importância de impedir que o mal que assola a Itália não chegue ao Brasil: “[...] o meu pensamento voltado à Patria Amada, louva feliz momento em que deixei Nossa Terra, para exterminar com os míseros dos nossos inimigos, antes que a guerra chegasse ao Torrão.” (RAVEDUTTI, B, 1945, linhas 16-19). Ao mencionar as cartas enviadas de “patrícios e patrícias” que contribuem para com o moral e expressam que mesmo na juventude o amor à Pátria é natural, ele não deixa de citar também os inimigos nazifascistas que, em caso de vitória, não atingirão ao Brasil. “Conforto e moral não nos falta e jamais faltará, mas, contudo muito nos alegra em receber cartas de nossas patrícias e patrícios onde vemos que no Brasil o amor à Pátria é natural até na juventude parecendo ser um sentimento enviado por Deus” (RAVEDUTTI, B, 1945, linhas 20-23). Como encerramento da carta, Ravedutti passa informações de endereço para correspondência de seus familiares, em sua saudação traz a esperança da vitória, além de se identificar como “amiguinho” de sua correspondente.

Em meio a todo esse sentimento sugerido na carta, deve-se lembrar que Ravedutti, assim como Osmilda, pertence a uma família de origem italiana. Não é possível identificar na narrativa nenhuma menção ao povo italiano, quando mencionado o país é apenas para ilustrar o mal causado pela guerra nos ermos da Itália.

A carta foi datilografada em papel timbrado da LBA, podendo-se levantar algumas questões. O fato de não ter sido escrita em letra cursiva pode indicar a presença de um terceiro elemento transcrevendo esta carta. Afinal as palavras de Ravedutti sofreram alterações durante o processo de escrita da carta, veremos a seguir o quão rígida era a censura da informação que era enviada do Fronte italiano. Alguns elementos possibilitam a identificação da carta: Ravedutti diz que a carta é em agradecimento à que fora recebida em agosto de 1944, a assinatura da carta está em letra cursiva, além

do fato que além da carta foi enviado um postal juntamente com algumas fotos do próprio pracinha em solo estrangeiro.

As cartas de Odette desempenham uma função informativa, é um elo entre Osmilda e Ravedutti. Na carta datada de 9 de agosto de 1945, escrita em papel de carta em letra cursiva, é importante atentar para o laço em fita de seda que adorna a carta, que remete à simbologia nacionalista presente na época. Tem início com um comentário “Aproveitando o ensejo nesta data festiva, venho responder tua carta” (RAVEDUTTI, O, 1945a, linhas 3-4). Estaria Odette se referindo como data festiva os ataques a Hiroshima e Nagasaki? Segundo Masson (2003), “A primeira bomba atômica explode sobre Hiroshima, em 6 de agosto, seguida de Nagasaki em 9 de agosto.” (MASSON, 2013, p. 621). Tratam-se dos dois ataques nucleares que findaram a Segunda Guerra Mundial.

A carta segue com agradecimentos à missiva enviada a “[...] pessoa de meu expedicionário” (RAVEDUTTI, O, 1945a, linhas 9-10), se referindo ao seu marido Ravedutti. É valorizada a iniciativa de Osmilda, “[...] Admiro tua espontaneidade em prestar serviços a tão nobre causa” (RAVEDUTTI, O, 1945a, p. 1, linhas 14-15, p. 3, linha 1). Odette não deixa de engrandecer seu marido ao informar que em breve estará de volta ao Brasil, “[...] O meu bravo herói deve pizar em solo Brasileiro no próximo dia 25 deste mês” (RAVEDUTTI, O, 1945a, p. 3, linhas 8-11).

Na segunda carta, datada de 2 de setembro de 1945, escrita em duas páginas em letra cursiva, Odette inicia sua missiva informando sobre o retorno de Ravedutti, que deveria acontecer em breve. “Herói que breve estará pisando nesta tão querida terra” (RAVEDUTTI, O, 1945b, p. 1, linha 7, p. 2, linha 8). Ao falar do marido, ela o chama de herói por duas vezes. A primeira já citada e, logo depois, ao explicar que ele ficou na Europa para desfilarem em Lisboa. “[...] Sobre meu herói não veio com a segunda leva, ficou para desfilarem em Lisbôa” (RAVEDUTTI, O, 1945b, p. 1, linhas 9-11). Logo em seguida, Odette chama Osmilda de amiga e relata que estava casada há apenas quatro meses quando Ravedutti partiu, e que já estava com imensas saudades, pois ele havia partido há um ano e quatro meses. Ao encerrar a carta, Odette se despede como “amiguinha” e se identifica com seu apelido, “Tita”.

As narrativas sugerem uma cumplicidade entre as autoras, podemos identificar o orgulho sentido pela esposa do pracinha por seus feitos além mar, isso fica explícito na forma carinhosa direcionada ao “herói” que logo viria para casa. É importante frisar que o conteúdo presente nas narrativas é direcionado a uma jovem e, em todas as cartas, Osmilda é mencionada como “amiguinha” por Odette e por Ravedutti, expressão que demonstra carinho entre os correspondentes.

A construção das narrativas se torna patriótica na medida em que Ravedutti indica um nacionalismo exacerbado, sempre mencionando o orgulho pela pátria, e a necessidade de não permitir que o mal que atingiu a Europa não chegasse até o Brasil. Odette, por sua vez, demonstra o nacionalismo na materialidade das cartas, ornando uma delas com fita nas cores nacionais, no seu discurso fica evidente a adoração ao seu “combatente” Ravedutti, mas ela não deixa de valorizar a “tão querida terra”.

Ao mencionar as cartas vindas do fronte, foi necessário atentar para alguns detalhes. Elas passavam por um crivo autoral, o exército controlava as informações nelas contidas, que eram duramente censuradas para não revelar informações, no caso de serem interceptadas pelo inimigo e também para o controle de informações vinculadas em território nacional.

É necessário atentar para o discurso “velado” na narrativa de Benedito Ravedutti, que é interessante na medida em que a hibridação cultural se torna presente. Todos os personagens trazem consigo descendência italiana, mesmo que o desejo de externar qualquer tipo de informação de sentimento identitário para com a pátria inimiga permeasse o imaginário dos autores, isso não seria adequado para a situação e controle que ocorria na época.

O controle da informação vinda do fronte era tamanho que até mesmo as cartas passavam por um rigoroso processo de censura. Como podemos observar segundo Maximiano (2010), as informações da batalha eram poucas, os correspondentes de guerra brasileiros foram proibidos de ir ao fronte, as notícias e cartas enviadas para o Brasil eram severamente limitadas pela censura:

O tema era evitado não somente por causa da censura, que proibia

que se escrevesse sobre o assunto por óbvias questões de segurança (todas as cartas de praças eram lidas pelos censores do Exército, mas agências de correio da FEB), mas também para proteger parentes de preocupações adicionais (MAXIMIANO, 2010, p. 98).

Quais preocupações seriam essas? É possível que os combatentes brasileiros descendentes das forças do eixo temiam pelo bem de seus familiares ao não mencionar referência nenhuma a terra de seus antepassados. Ainda segundo Maximiano (2010), o zelo dos censores era demasiado, as cartas eram produzidas segundo um manual, seguiam uma regulamentação proibindo assuntos, como efetivo, moral, resultado de ações inimigas, entre outros, o manual ainda que não fossem dadas informações desnecessárias as famílias, “O resultado era que a correspondência dos expedicionários não fornecia indícios sobre a realidade da vida na FEB” (MAXIMIANO, 2010, p. 99).

Ao longo dessa pesquisa observamos desde a concepção do que é a Itália como país, pudemos ter contato com os aspectos geográficos da península itálica e como esses aspectos influenciaram na formação de regionalismo dentro do território italiano, tornando uma tarefa “impossível” a construção de uma identidade nacional homogênea.

Todos os desafios para construção de uma identidade Ítalo-brasileira adequaram-se às leis e repressões vindas pelo Estado brasileiro. Pudemos abordar as formas de controle do Estado Novo, tendo em vista como ele buscava criar uma identidade nacional brasileira, mesmo que pela imposição de um modelo nacionalizado, como essas medidas se tornaram força de lei a partir do momento em que o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial.

Por fim, vimos a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial, a importância da LBA como mais um braço da estrutura nacionalista do Estado Novo. Temos na figura dos correspondentes os resultados da nacionalização proposta por Vargas, mesmo com a censura imposta nos tempos de guerra.

REFERÊNCIAS

1. Fontes

Cartas.

RAVEDUTTI, BENEDITO. [Carta] 22 fevereiro 1945, Itália [para] Diana, Osmilda., Londrina. p.1. Carta em agradecimento ao envio de carta no mês de agosto do ano anterior.

RAVEDUTTI, Odette Barros. [Carta] 9 agosto 1945a, Curitiba [para] Diana, Osmilda., Londrina. p.3. Carta em agradecimento ao envio de carta para seu marido Ravedutti.

RAVEDUTTI, Odette Barros. [Carta] 2 setembro 1945b, Curitiba [para] Diana, Osmilda., Londrina. p.3. Carta com informações referentes ao retorno de Ravedutti.

2. Bibliografia

ARAÚJO, SILVIA Maria Pereira de; CARDOSO, Alcina Maria de Lara. Italianos no Brasil ou a pátria recriada. In: DE BONI, Luis Alberto. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987.

BARONE, João. **1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CAMARGO, Maria Rosa Martins. Escreva-me urgente... Um estudo dos elos comunicativos na carta. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Chrystina Venancio. **Destino das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 159-180.

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. 2. ed. Itajaí: UFSC, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1986.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Trad. Patrícia de Queiroz C. Zimbres. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial**. Tradução Ângela M. S, Corrêa. 1. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados:** soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e Política:** A Trajetória da Primeira - Dama Darcy Vargas (1930-1945). São. Paulo: UNESP, 2008.